

# FRANÇA DE VICHY, O ÚLTIMO A SAIR APAGUE A LUZ: O COLABORACIONISMO FRANCÊS EM DEBATE

VANESSA COSTA FERREIRA\*

**Resumo:** Neste trabalho busco discutir a questão do colaboracionismo francês no que tange ao episódio da França de Vichy. Para tal, utilizarei alguns escritos do historiador Marc Bloch e do filósofo francês Jean-Paul Sartre. O objetivo é demonstrar as nuances e complexidades do colaboracionismo e também da resistência por diferentes visões.

**Palavras chave:** França de Vichy. Colaboracionismo e resistência. Nazismo.

**Abstract:** This study aimed to discuss the issue of the French collaborating with respect to the episode of Vichy France. To do this, I will use some writings of the historian Marc Bloch and the French philosopher Jean-Paul Sartre. The goal is to demonstrate the nuances and complexities of collaborating and also the resistance by different views.

**Keywords:** France Vichy. Collaborating and resistance. Nazism.

Por volta do dia 10 de junho de 1940, o exército francês não tinha mais condições de resistir aos ataques das forças alemãs. Para algumas lideranças francesas, como Pétain, um armistício era uma questão de sobrevivência. Quando Paris foi tomada pelos alemães, até algumas vezes mais resistentes à capitulação, como o então primeiro-ministro Paul Reynaud, compreenderam que a situação havia se tornado insustentável. Nesse contexto, o primeiro-ministro Reynaud exonerou-se do cargo em 16 de junho daquele mesmo ano e foi substituído por

---

*Notas de pesquisa recebida em 16 de agosto de 2014 e aprovada para publicação em 30 de outubro de 2014.*

\*Graduanda da Universidade Federal Fluminense. (vanessa.cferreira@bol.com.br)

Philippe Pétain, que assinou a rendição e se recusou veementemente a transferir a sede do governo para o norte da África.

A Alemanha queria evitar, de toda forma, os custos de uma ocupação total do território da França, sendo assim, para os alemães era conveniente um governo francês com o qual pudessem negociar. Quando a cidade de Bordeaux caiu em mãos alemãs, a sede do governo francês transferiu-se para Vichy. A sede do governo em Vichy aproveitou-se do cenário tumultuado para encerrar a Terceira República, que já estava em colapso – por isso, a intenção de se criar um novo Estado a partir das mudanças ocorridas. O território francês estava dividido entre Vichy, independente na região Sul, e a outra parte, dominada pelo exército alemão, como as cidades de Bordeaux e Paris.

Com a rendição francesa, em 22 de junho de 1940, tem-se um dos períodos mais sombrios e controversos da história da França no século XX.

O colaboracionismo francês é repleto de nuances e complexidades. Em primeiro lugar, antes de 1939, o crime de “colaborar com as forças inimigas” era desconhecido, o delito que disso mais se aproximava era o que envolvia traição, ou seja, informar ao inimigo que ocupava, ou com quem se estava em luta, o que dizia respeito ao seu país, delito este contemplado nos termos do Artigo 75 do Código Penal francês de 1939. Porém, o historiador Tony Judt nos alerta sobre o quão complexo era esse fenômeno. Para Judt:

No entanto, com frequência, homens e mulheres julgados pelos tribunais franceses tinham colaborado não com os nazistas, mas com o regime de Vichy, liderado e administrado por franceses, e constituído, nitidamente, como herdeiro legítimo do Estado francês que funcionava antes da guerra.<sup>1</sup>

De todo modo, de acordo com os países, as punições abrangiam tipos específicos de pessoas, primordialmente, as que pertenciam a partidos políticos, os militares e os altos funcionários públicos. Assim, uma variedade de tipos ficou longe dessa “responsabilização”, pessoas que, a despeito de suas funções tidas como “pouco importantes”, muitas das vezes, por meio de recursos como delações, troca de favores e outros, ajudaram mais aos nazistas do que aqueles que colaboraram de forma oficial e explícita.

---

<sup>1</sup> JUDT, Tony. *Pós-Guerra. História da Europa desde 1945*. Lisboa:Edições 70, 2006, p. 58.

Na historiografia francesa, esse tema foi tratado com certo tabu: somente a partir da década de 1970, os historiadores europeus se mostraram mais confortáveis para debater o tema do colaboracionismo. É importante considerar ainda que o trabalho de intelectuais não-europeus trouxe um novo olhar para a discussão, destacando-se a obra *A França de Vichy*, do americano Robert Paxton. Paxton “põe o mundo de ponta-cabeça” ao questionar até que ponto o colaboracionismo teria sido “apenas” produto de uma invasão militar e de um governo desarticulado. A obra de Paxton, porém, não será abordada neste trabalho, citou-se o mesmo tão somente para situar o tema quanto à historiografia.

Ainda assim, mesmo que o livro de Robert Paxton seja de 1972 e que novos paradigmas quanto a essa discussão tenham surgido ao longo da década de 1970, no livro *Estranha derrota*, o historiador Marc Bloch relata sua experiência como soldado francês e nos indica que as sementes da passividade francesa ante a Alemanha decorrem de um processo muito mais complexo:

Mas os fatos são esses, e agora já podemos medir suas consequências. Mal informados sobre os recursos infinitos de um povo que permaneceu muito mais íntegro do que certas aulas envenenadas faziam crer, e incapazes, por desprezo e por rotina, de apelar a tempo às suas reservas mais profundas, nossos chefes não deixaram apenas de vencer. Cedo demais já consideravam natural serem vencidos. Depondo as armas antes da hora, garantiram o sucesso de uma facção.<sup>2</sup>

Nesse excerto, Marc Bloch aponta que um povo mal informado e alijado das instâncias de poder mais urgentes, não teria tido o instrumental necessário para ativar suas reservas de resistência. Lógico que, apesar de se considerar a genialidade e a preciosidade da fonte, não se pretende neste trabalho recorrer a qualquer espécie de argumento *ad hominem*, mas, acima de tudo, submeter as fontes e a questão a critérios científicos básicos: examinar a veracidade da fonte, confrontando-a com os fatos e outras fontes primárias, analisar o contexto de quem a produziu e as influências ideológicas, epistemológicas e até mesmo religiosas que o depoente pode ter sofrido.

A fonte que utilizamos, o testemunho de Marc Bloch durante a Segunda Guerra Mundial, levando-se em consideração que é um relato pessoal (ainda que intelectual ao mesmo tempo), nos fornece pistas que indicam que o fenômeno do colaboracionismo não se deu apenas

---

<sup>2</sup> BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 153.

pela força, mas, de certa forma, teria sido facilitado por resquícios de pensar e por culturas políticas que já estavam presentes na sociedade francesa.

A Constituição de Vichy, as práticas raciais e a espantosa passividade dos franceses, segundo Martin Kitchen:

(...) ao contrário da lenda apologética do pós-guerra, não constitui resultado de maquinações sinistras de homens maldosos como Laval, nem foi um golpe engendrado por derrotistas fascistas. Representou sim, uma tentativa largamente apoiada de iniciar um processo de ressurreição e purificação nacional após anos de materialismo frívolo, chicana antidemocrática e depravação moral.<sup>3</sup>

A questão que Martin Kitchen explicita em seu livro *Mundo em chamas*, sobre a Constituição de Vichy ser a concretização de aspirações já presentes, pode ser encontrada também no testemunho de Marc Bloch, em 1940:

Ora, a burguesia, assim entendida, já tinha deixado de ser feliz na França antes da guerra. As revoluções econômicas, atribuídas à última catástrofe mundial e nem todas vitoriosas, sabotavam a tranquila estabilidade das fortunas. Antes recurso quase único de muitas famílias, última esperança de tantas outras que ainda galgavam os primeiros degraus do sucesso, a renda se desfazia entre mãos atônitas. A resistência dos assalariados criava um bloco contra qualquer pressão sobre as remunerações operárias, diminuindo a cada crise o lucro patronal, com os dividendos. (...) E assim, ansiosa e descontente, a burguesia ficou também amarga. Desacostumada a qualquer esforço para tentar compreender esse povo do qual provinha e pelo qual, olhando mais de perto, devia sentir profundas afinidades, ela preferiu condená-lo.<sup>4</sup>

Então, tanto Marc Bloch quanto M. Kitchen apontam que os alemães encontraram, de certa forma, um lugar propício para desenvolver seu projeto sem maiores objeções mais violentas.

O cotidiano dos franceses prosseguiu sem alterações mesmo com dois terços do território ocupado pelos alemães, pois, apesar do choque, a ordem do governo em 1940 era para que a França retomasse a normalidade do dia-a-dia. O furor cultural francês continuou, tanto que obras como *Entre quatro paredes*, de Jean Paul Sartre, e filmes como *Anjos do pecado*, de Robert Bresson, foram divulgados, e isto era uma forma de escapismo perante a dura realidade que se impunha. Não obstante, o “fantasma” do colaboracionismo não manchou apenas anônimos, mas

<sup>3</sup> KITCHEN, Martin. *Um mundo em chamas: uma breve história da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia, 1939 – 1945*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 37.

<sup>4</sup> BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, pp. 148 e 149.

também as personalidades da época como o próprio Sartre, Coco Chanel, dentre outros, de quem se cobrou uma postura mais crítica e ativa perante os acontecimentos.

Em seu livro *Diário de uma guerra estranha*, o próprio Sartre nos fornece mais dados sobre esta questão. Assim como Marc Bloch, Sartre serviu ao exército na Alsácia Lorena, de setembro de 1939 a junho de 1940. Nesse livro, *Diário de uma guerra estranha*, podemos encontrar a gestação de muitas ideias que vão se tornar o cerne da sua filosofia existencialista. Embora a sua filosofia não seja o foco de nossa análise, devemos atentar que seus escritos e sua filosofia funcionam como fonte pessoal e intelectual ao mesmo tempo e nos informam sobre o conflito, as pessoas e a sociedade.

Na página de seu diário de terça-feira, 20 de fevereiro de 1940, Jean-Paul Sartre demonstra o que pensa do comportamento francês quanto ao “problema nazista”:

A maior parte dos homens é bastante sensível à propaganda hitlerista. Todos se entediam, o “moral” fica baixo. (...) Mas nós aceitamos, ninguém protesta. Ao contrário, nem se pensa em protestar. A maioria vê com resignação a possibilidade de passar três ou quatro meses desse modo, se lhes digo, para experimentá-los: “Isto é melhor que um massacre”, respondem infalivelmente: “Naturalmente”. Nada poderia ser melhor prova de que a mentalidade guerreira está desaparecendo da França.<sup>5</sup>

Ao contrário de Marc Bloch, Sartre não observa nesse comportamento uma degeneração moral, apenas interpreta isso como a recusa tanto da democracia quanto do nazifascismo— o que fez, segundo a interpretação sartreana —, com que os franceses mantivessem um tipo muito particular de resistência, como se estivessem esperando para logo o fim daquele cenário, uma guerra de paciência acima de tudo.

Quando voltamos a nos debruçar sobre o cotidiano dos comuns, fica cada vez mais evidente que houve um esforço muito grande para se adaptar à nova situação. De fato, a valorização da sua moeda acima do normal possibilitou aos alemães adquirir artigos finos e de luxo bem abaixo do preço; puderam frequentar os luxuosos restaurantes, como o Maxim’s, um dos mais caros de Paris. Ou seja, puderam desfrutar do que havia de mais requintado e caro no território francês.

---

<sup>5</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 267.

O fotógrafo francês André Zucca, que trabalhava na revista nazista *Signal*, captou com maestria o cotidiano de Paris mesmo na tensão de uma ocupação militar. Os parisienses continuavam exalando charme e elegância e a vida transcorria com relativa normalidade: homens e mulheres lotando as ruas, circulando em meio aos anúncios publicitários e letreiros de lojas.

No que tange às práticas políticas, a composição do Parlamento era a mesma da Frente Popular de 1936. A resistência heroica e intransigente foi uma construção de memória *a posteriori* do acontecido, já que em 1940, a oposição de Vichy era extremamente fraca. Com a “formalização” da rendição, Pétain instaurou a sede do governo na cidade de Vichy. Deste modo, dramaticamente chegava ao fim a Terceira República francesa, ao mesmo tempo em que se iniciava uma “divisão” do território francês, ainda que mais na prática do que teoricamente. Isso porque a jurisdição civil que abrangia o governo de Vichy passava por toda a área da França, com exceção do território da Alsácia Lorena, que esteve sob o jugo alemão diretamente. Porém, na prática e para fins explicativos, é válido o conceito de “duas zonas”. Um trecho do documento que legitima juridicamente o governo de Vichy:

Lei Constitucional n. 2, definindo a autoridade do chefe do Estado francês, 11 jul 1940, Nós, Marechal de França, chefe do Estado francês, em consideração da Lei Constitucional de 10 de julho de 1940, Decreto: ARTIGO Seção I. 1. O chefe do Estado francês deve ter plenos poderes governamentais. Ele deve nomear e revogar a nomeação de ministros e de secretários de Estado, que será responsável somente a ele. (...) ARTIGO 3. No caso de qualquer um do grupo acima mencionado provar ser infiel às suas obrigações, o chefe de Estado, depois de instituir um inquérito por meio de um procedimento em que ele decide, pode exigir o pagamento de reparação e multas, e pode temporariamente ou definitivamente aplicar as seguintes sanções: perda dos direitos políticos; vigilância de residência em França ou em colônias; internamento administrativo; detenção em uma fortaleza.<sup>6</sup>

O governo de Vichy estabeleceu políticas raciais contra os “indesejáveis”: judeus, comunistas, ciganos, homossexuais e outros. Campos de concentração também foram instituídos, sendo o de Drancy, instituído em 1939, um dos mais conhecidos, tendo se destacado por ter sido onde os prisioneiros ficavam antes de ir para os campos de extermínio na Alemanha.

---

<sup>6</sup> Lei Constitucional n° 2, França, *Journal Officiel de la République Française*, 1940, n° 168.

## Considerações finais

O trauma do colaboracionismo e a construção do mito da resistência são formas de experiência e pensamento, respectivamente, as quais marcam de forma indelével a França no século XX. A figura do general Charles de Gaulle sem dúvida é singular e insubstituível como parte da história francesa e do mundo. Porém, o seu papel de “bravo resistente” no contexto da Segunda Guerra Mundial deve ser relativizado, posto que foi apenas com uma possibilidade de derrota do III Reich e com o apoio de Churchill, que o movimento de resistência tomou certa força e pôde ser conduzido a partir da Inglaterra.

No que tange ao grau de colaboracionismo do povo francês com o nazismo, este é um assunto que tem sido revisitado constantemente, o que é muito saudável para o debate historiográfico, posto que as fontes apontam fortemente para o viés de uma complexidade cada vez maior, dada a teia social na qual o fenômeno estava inserido. Que essa experiência possibilite uma reflexão cada vez mais forte e isenta sobre o tema e que sirva de aprendizado para que não nos calemos diante do mal e do horror.

## Referências

Journal Officiel de la République Française, 1940, n° 168. (sítio: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/vichy.html>)

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. O breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

JUDT, Tony – Pós-Guerra. *História da Europa desde 1945*, Lisboa: Edições 70, 2006.

KITCHEN, Martin. *Um mundo em chamas: uma breve história da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia, 1939 – 1945*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

PAXTON, Robert O. *La France de Vichy. 1940-1944*. Paris: Seuil, 1997.

REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. (Org.). *O Século XX: O Tempo das Crises. Revoluções, Fascismos e Guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 02.

ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha *Viz. A construção social dos regimes autoritários*. Vol. 1. Europa. Sociedades e regimes autoritários. Vol. 1, Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Org). *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: as grandes transformações no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Uma tragédia francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1997.